

São Paulo – Paris: Esquecimento e rastros da memória

*SÃO PAULO – PARIS: FORGETFULNESS AND MEMORY TRACES **

*Sônia Campaner Miguel Ferrari***

RESUMO

Na Paris do século XIX as Passagens são como limiares, portas que dão entrada em cuja ultrapassagem se nota a diferença de atitude das pessoas, como estivessem prestes a tomar uma decisão***. Guardando esses limiares das Passagens parisienses estavam máquinas que pesavam, máquinas de jogos de azar e videntes mecânicas – o moderno “conhece-te a ti mesmo” – como se esses lugares correspondessem aos oráculos gregos. O que nos dá a ideia de que mesmo chegando à cidade com uma força imperiosa, as transformações se impunham sobre um passado que permanecia, embora velado pelas novas formas. Nos países colonizados como o Brasil, a história começa quando os colonizadores chegam e se impõem ao território, que para eles é “novo”, com uma história trazida de longe. Para quem já habita esse território, o passado não existe mais. Os Bandeirantes contribuíram para a construção dessa história baseada na violência contra os indígenas e na usurpação de seu território.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Monumentos; História; Paris; São Paulo

ABSTRACT

In Paris in the nineteenth-century, the Passages are like thresholds, doors into which one surpasses the difference in people's attitude, as if they were about to make a decision. Guarding these thresholds of the Parisian Passages were heavy machines, gambling machines, and mechanical seers - the modern “know thyself” - as if these places corresponded to the Greek oracles. Which gives us the idea that, even though they were coming to the city with an imperious force, the changes were imposed on a past that remained, although veiled by the new forms. In colonized countries like Brazil, the story begins when the colonizers arrive and impose themselves on the territory, which is “new” to them, with a history brought from afar. For those who already inhabit this territory, the past no longer exists. The Bandeirantes contributed to the construction of this history based on violence against the indigenous and the usurpation of their territory.

KEYWORDS: Memory; Monuments; History; Paris; São Paulo

* A versão completa deste artigo foi publicada em inglês com o título *Memory, Monuments and Resistance: São Paulo-Paris-São Paulo* na *The Polish Journal of Aesthetics*, v.47, p.31 - 52, 2017.

** Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; soniacamp@puccsp.br

*** Benjamin, 127

1 Arte da memória

A pesquisadora Frances Yates, do Instituto Warburg da Universidade de Londres, assim refere-se, no início de seu livro **A arte da memória**, à invenção da memória pelos gregos:

Apenas algumas pessoas sabem que, entre as muitas artes que os gregos inventaram, está uma arte da memória que, como as outras artes gregas, foi transmitida a Roma, de onde passou para a tradição europeia. Essa arte busca a memorização por meio de uma técnica de imprimir “lugares” e “imagens” na memória. Tem sido chamada de “mnemotécnica”, ramo da atividade humana que parece ser pouco considerado nos tempos atuais. (YATES, 2007,p.11).

Nesse estudo Yates mostra que a ligação entre passado e presente se faz por meio de escolhas de lugares e imagens, e essas escolhas caracterizam-se também por recusas. Segundo a autora, a arte da memória foi inventada pelo poeta Simônides de Ceos (YATES, 2007, p.1-2). Este participou de um banquete oferecido pelo anfitrião Scopas, no qual Simônides entoou um poema em honra ao anfitrião e aos gêmeos castor e Pólux. Scopas diz a Simônides que vai pagar somente a metade da soma combinada e que ele cobrasse o restante dos gêmeos. Mais tarde Simônides recebe um aviso de que dois jovens se encontravam fora da casa para falar com ele, e durante o período em que se ausenta do lugar, a casa desaba matando todos os presentes que ficaram irreconhecíveis. Simônides se lembrava do lugar que ocupavam os presentes, de maneira que os parentes puderam identifica-los e enterrá-los. Foi assim que o poeta “inventou” a arte

da memória, relacionando assim o treino dessa capacidade com lugares e imagens.

Essa arte que permanece importante durante largo período de tempo perde sua importância no período moderno. Pensadores como Descartes e Bacon consideram os métodos de rememoração do renascimento, a memória mágica e oculta de Ramon Llull como ilegítima, pois consideram não haver conexão entre essa prática e os procedimentos da ciência moderna (YATES, 1999, p. 375).

2 Memória, história e monumentos

Em suas teses *Sobre o Conceito de História*, em seu extenso trabalho sobre as Passagens de Paris, e ainda nos ensaios sobre Baudelaire e Proust¹ Benjamin discute uma outra possível relação com o passado e com a memória. Nas *Teses* a história é privilegiada como a disciplina que estuda e pesquisa o passado, porém ressalta Benjamin, que ela não somente narra o passado tal como foi, mas que o lembra e interpreta. É assim que Benjamin entende a substituição do olhar histórico pelo político, afirmação presente tanto nas Teses como em seu texto sobre o Surrealismo. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo” (BENJAMIN, 1980, I, p. 695; 1994, p. 224).

¹ Todas as referências aos textos foram retiradas da edição de 1980 dos *Gesammelte Schriften* de Walter Benjamin, volumes I, II e V e da edição das *Obras Escolhidas* editadas pela Brasiliense.

Aqui Benjamin acentua que lembrar e escrever a história não são atividades espontâneas, mas que contêm em si a intenção de quem escreve: esse que escreve é quem articula o passado com o presente. No ensaio *O Surrealismo* Benjamin reconhece que o movimento de vanguarda “foi o primeiro a ter pressentido as energias revolucionárias que transparecem no ‘antiquado’” (BENJAMIN, 1980, II, p.99; 1994:25). Esse movimento não via nesses objetos elementos para uma lembrança nostálgica, mas convertia essa nostalgia fazendo “explodir as poderosas forças ‘atmosféricas’ ocultas” nelas. O “truque” para isso ser possível consiste em “trocar o olhar histórico sobre o passado pelo político” (BENJAMIN, 1980, II, p.300; 1994, p.26).

Vale a pena ainda recorrer às Teses de Benjamin acerca de três aspectos importantes que orientarão também nossa reflexão: a empatia com os vencedores, o despertar e a apropriação dos despojos pelos vencedores.

Começemos pela apropriação dos despojos (e da memória transmitida). Acima lembramos a lenda de Simônides na qual a memória auxiliava a reconhecer os mortos sob os escombros e conferir a eles de modo que não sejam esquecidos. Na mesma Tese VI que citamos acima Benjamin nos diz que “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1980, I, p. 695; 1994, p.224-5).

A história que nos é contada nos livros que estudamos glorifica aqueles que venceram sem nem mesmo mencionar os que foram mortos ou expropriados por estes: refiro-me à história do Brasil, mais precisa-

mente de São Paulo, província da colônia portuguesa onde os portugueses chegaram em 1500. Na tese VII Benjamin refere-se ao método historicista da empatia: “sua origem [do método da empatia, acréscimo nosso] é a inércia do coração, a acedia, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz” (BENJAMIN, 1980, I.p.697; 1994, p. 225).

A natureza do sentimento de tristeza advindo desse método é mais facilmente entendida quando se responde à pergunta: com quem empatiza o historiador historicista? Com o vitorioso. Significa contar a história tal como ela ocorreu como se esse percurso fosse necessário e natural. Significa que o vencedor adquire o direito de vencer e de granjear para si tudo de que pode se apropriar. E ele se apropria não só do material, das riquezas, mas da cultura e da memória. A história que ele conta é a única possível.

O tema do despertar encontra-se no Trabalho das Passagens:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente, ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras, a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética (BENJAMIN, 1983, p. 576-7; 2009, p.504)

E o despertar a que queremos aludir aqui é aquele produzido pela relação entre passado e presente por meio de imagens que fulguram no imaginário coletivo.

3 São Paulo – Paris – São Paulo

Se a Paris do século XIX tinha suas Passagens, “recente invenção do luxo industrial (...) galerias cobertas de vidro, paredes revestidas de mármore que atravessam corredores (BENJAMIN, 1983, p.83; 2009, p.77) a São Paulo do século XXI tem inúmeros shoppings que se ergueram nos últimos 30 anos com grande velocidade, não atravessando quarteirões como aqueles de Paris, mas destruindo paisagens da cidade para ocupar o lugar de casas, terrenos e de casarios e prédios antigos.

Assim como as Passagens parisienses, os shoppings são os locais de lojas, elegantes ou não, dependendo do bairro em que se encontram, pois uma característica dos shoppings é a de se espalharem por várias regiões da cidade, representando uma espécie de inclusão democrática das massas no consumo em grande escala.

As Passagens são uma interrupção do tráfego intenso das ruas. Nelas o andante se perdia a vagar demoradamente e tinha seus desejos despertados pelas ofertas do comércio de luxo. Nos shoppings de São Paulo, se vai de automóvel na maior parte dos casos. E lá dentro tudo é comércio. Se na Paris do século XIX os consumidores já começavam a sentir-se como massa (BENJAMIN, 1983, p. 93; 2009, p. 86), agora no século XXI a nascemos com essa marca estampada em nossas testas. Benjamin na obra citada cita uma antologia dedicada a Fourier, para quem essa transformação da cidade torna agradável a vida ao abrigo das intempéries (BENJAMIN, 1983, p.94; 2009, p.87) e compara as passagens aos

falanstérios. Tudo se passa como se essas construções, seja em Paris ou em São Paulo, bastassem para tornar a vida de seus habitantes confortável e sem intercorrências.

Esse é um mundo no qual “o que dá o tom é sempre o que é mais novo, mas apenas onde este emerge entre as coisas mais antigas, mais passadas, mais habituais” (BENJAMIN, 1983, p. 112; 2009, p.103). A moda forma o novo a partir do que já passou. Isso confere à moda e a tudo que se põe como novo, uma impressão de antiquado. Pois o novo se constitui a partir do antiquado, assim como os shoppings a partir das galerias e Passagens. Estas constituem os primórdios da mais moderna arquitetura (BENJAMIN, 1983, p. 118; 2009, p. 107) que dizem ainda muito aos habitantes de hoje da cidade. Quer dizer que embutidos nas construções das grandes empresas e do comércio estão sonhos antigos esperando para florescer. Não é à toa que Benjamin considera que Loos e Corbusier fazem tábula rasa da linguagem arquitetônica de antes deles: melhor começar de novo que fazer referência a um sonho do passado que não conseguiu emergir.

A decadência, ou a demolição, e as ruínas da cidade marcam o momento em que a cidade antiga desaparece para dar lugar a novas construções. Estas dão o tom do modo como os habitantes vivem e se relacionam. É nesse ambiente que nasce o Surrealismo². “O pai do Surrealismo foi Dada, a mãe foi uma passagem” no diz Benjamin (198, p.133; 2009, p. 121). Aragon escreveu sobre a Passagem da Ópera; essa obra constitui-se para Benjamin numa referência para se pensar sobre a relação entre o anti-

² Movimento artístico nascido na França que não teve muitos adeptos no Brasil. Cf. Jorge Schwartz, Surrealismo no Brasil? Décadas de 1920 e 1930, In Guinsburg, J./ Leirner, S. (org.) O Surrealismo. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp.847-863.

quado e o decaído – as passagens – no presente. Houve também em Paris uma empreitada demolidora (de 1852 a 1870) que suprimiu da paisagem urbana os locais nos quais se reuniram os participantes das jornadas de 1848.

Na Grécia Antiga, nos diz Benjamin, havia lugares dos quais se podia descer aos infernos, “Nossa existência desperta é uma terra em que se desce ao reino dos mortos, cheia de lugares aparentemente insignificantes” (BENJAMIN, 1983, p.135; 2009, p.123) e que se abrem para os sonhos. Os sonhos que ficam armazenados, guardados em lugares que conservam algo de um desejo de felicidade alimentado em tempos anteriores.

O planalto ainda virgem no qual nasceu a cidade de São Paulo recebeu sua primeira construção no século XVI, em 1554. Era um colégio jesuíta³. Deste início, pouco permaneceu, talvez bem menos do que dos

começos de Paris. Porém os rastros dessa história de colonização ainda

3 Conferir a figura 1. Os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega subiram a Serra do Mar, nos idos de 1553, a fim de buscar um local seguro para se instalar e catequizar os índios. Ao atingir o planalto de Piratininga, encontraram o ponto ideal. Os religiosos construíram um colégio numa pequena colina, próxima aos rios Tamandateí e Anhangabaú, onde celebraram uma missa. Era o dia 25 de janeiro de 1554, data que marca o aniversário de São Paulo. Quase cinco séculos depois, o povoado de Piratininga se transformou numa cidade de 11 milhões de habitantes. Daqueles tempos, restam apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pateo do Collegio. Piratininga demorou 157 anos para se tornar uma cidade chamada São Paulo, decisão ratificada pelo rei de Portugal. Nessa época, São Paulo ainda era o ponto de partida das bandeiras, expedições que cortavam o interior do Brasil. Tinham como objetivos a busca de minerais preciosos e o aprisionamento de índios para trabalhar como escravos nas minas e lavouras. Em 1815, a cidade se transformou em capital da Província de São Paulo. Mas somente doze anos depois ganharia sua primeira faculdade, de Direito, no Largo São Francisco. A partir de então, São Paulo se tornou um núcleo intelectual e político do país. Mas apenas se tornaria um importante centro econômico com a expansão da cafeicultura no final do século XIX. ” Assim descreve brevemente a história da cidade o site oficial do governo de São Paulo. <http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/monumentos/>

podem ser encontrados, assim como monumentos que procuram fazer permanecer momentos determinados.

Tal como em Paris as mudanças na paisagem da cidade visam acomodar as transformações decorrentes do sistema produtivo capitalista e do desenvolvimento tecnológico. Alargamento das ruas, calçamento, demolições de construções antigas para dar lugar às novas, mais modernas, mais afeitas ao novo modo de vida.

Alguns dos primeiros elementos da cidade a desaparecer foram as fontes – foram aterradas ou obstruídas para dar lugar ao concreto dos arranha-céus e viadutos. No entanto, essas transformações muitas caóticas (o crescimento de São Paulo foi rápido a partir da década de 1950 e caótico) acabam por deixar rastros em seu caminho. “porque é somente hoje, quando as ameaça a picareta, que elas se tornaram efetivamente santuários do culto do efêmero, que se tornaram paisagens-fantasmas dos prazeres e das profissões malditas, incompreensíveis ontem, e que o futuro jamais conhecerá” (ARAGON apud BENJAMIN, 1983, p.140; 2009, p.126), frase de Aragon citada por Benjamin que ressalta o aspecto antiquado das Passagens, ao mesmo tempo que sua decadência e junto com ela do sonho que embalava o século XIX: o da vida feliz proporcionada pelo desenvolvimento técnico aplicado à produção de mercadorias.

Mas se Paris durante o século XIX foi essa cidade que embalava o sonho (BENJAMIN, 1983, p.140;2009, p.126), São Paulo viva ainda, nesse momento, às voltas com os problemas de uma colônia recém independentizada, num país que ainda sonhava tornar-se a imagem de cultura imperial.

Os traços dessa história permanecem na cidade, porém não necessariamente nas construções e calçadas, ou em catacumbas, como em Paris, mas no nível do encobrimento e no esforço para cultuar o esquecimento da violência com que nossa história foi criada e de uma outra história que procura permear as brechas e espaços possíveis.

Os monumentos construídos em São Paulo com o intuito de nos fazer lembrar de um certo passado - vamos falar aqui do monumento ao bandeirante Borba Gato⁴, no bairro de Santo Amaro e do Monumento às Bandeiras⁵ no Ibirapuera – e fazer crer que esse passado transmitiu ao povo paulista a herança de ser desbravador e empreendedor. Porém fazem esquecer que os bandeirantes eram homens rudes e violentos que saíam pelo interior do país escravizando indígenas e devastando regiões em busca de ouro e pedras preciosas.

Na Paris do século XIX as Passagens são como limiares, portas que dão entrada em cuja ultrapassagem se nota a diferença de atitude das pessoas, como estivessem prestes a tomar uma decisão (BENJAMIN, 1983, p.142; 2009, p.127). Guardando esses limiares das Passagens parisienses estavam máquinas que pesavam, máquinas de jogos de azar e

4 Ver figura 2 . A famosa escultura começou a ser construída ainda em 1957 e foi concluída 6 anos depois em 1963. A obra é autoria do escultor Júlio Guerra, artista plástico paulista que deixou sua obra espalhada especialmente pelo bairro de Santo Amaro. Quando o artista nasceu, em 1912, Santo Amaro ainda era um município independente, vizinho da Cidade de São Paulo.

5 Ver figura 3. O Monumento às Bandeiras, localizado na Praça Armando Salles de Oliveira, em frente ao Parque Ibirapuera e à Assembleia Legislativa, é uma obra do escultor Victor Brecheret em homenagem aos bandeirantes paulistas. Ele foi instalado em 1954, junto ao Parque, em comemoração aos 400 anos de São Paulo. A obra é feita de blocos de granito, possui 50 metros de comprimento e 16 metros de altura.

videntes mecânicas – o moderno “conhece-te a ti mesmo” – como se esses lugares correspondessem aos oráculos gregos. O que nos dá a ideia de que mesmo chegando á cidade com uma força imperiosa, as transformações se impunham sobre um passado que permanecia, embora velado pelas novas formas.

Porém diante dos monumentos e construções de São Paulo nada nos proporciona tal experiência. Tudo é duro e rígido como concreto, assim como esses monumentos, que glorificam um passado de expropriação e espoliação, de violência. Por outro lado, o passado encoberto pelas ruas e monumentos é um passado que perde a voz e a forma: são as vozes dos indígenas, caladas pelos ensinamentos religiosos, e seu passado, transmitido oralmente de geração a geração, que quase se perde em meio à floresta de concreto.

Numa citação das Conferências da Biblioteca de Warburg sobre Arcos e Arcos do Triunfo Benjamin comenta, a partir da localização do Arco de Cipião em Roma, que ele tem “caráter meramente monumental” (BENJAMIN, 1983, p. 152; 2009, p.136), ou seja, seu sentido cultural. Essa afirmação em Benjamin tem duplo sentido, pois esse caráter monumental tem tanto a função de glorificar e fazer lembrar o homenageado, como também de servir de passagem ou limiar. Ao atravessar o arco, o andante tem a impressão de ter cruzado uma fronteira. Nos monumentos paulistas a que nos referimos não temos esse aspecto. O caráter monumental aqui é somente o de homenagear os bandeirantes.

Se Paris constitui um mito moderno pela existência de porões e subterrâneos, São Paulo parece não ter mistérios: é evidente a discrepância entre pobres e ricos, regiões reservadas a mansões, grandes edifícios de escritórios e empresas de serviços, shoppings centers e a periferia, que sofre o tempo todo tipo de falta: de calçamento, de esgoto, serviços de saúde, de transporte, de escolas.

4 Um pouco de história – São Paulo e os bandeirantes

Nos países colonizados a história é contada a partir da chegada dos colonizadores. E apesar das afirmações que em geral se faz a respeito das imagens, elas são muito importantes para imprimir uma certa concepção de identidade e de história que marca as mentes e transmite uma versão determinada do que foi a história desse lugar. A tese XVI de Benjamin (citada anteriormente) aponta uma característica do método da empatia historicista: o estabelecimento de uma “imagem eterna do passado”(BENJAMIN,1980, p. 695-696;1994, p. 231) procurando descrevê-lo “como realmente foi” e assim estabelecer uma identidade a partir de um passado comum, como se esse passado fosse único e como se ele pudesse ser reconstituído por um estudo detalhado e minucioso. Porém a memória não é “neutra”, “desinteressada”, mas “um órgão ligado à vida” (GAGNEBIN,2012, p.29). As imagens do passado chegam ao presente carregadas de exigências. Em vários de seus textos sobre arte na modernidade – principalmente no famoso ensaio A obra de arte na era de sua reprodutibilidade

técnica e no texto sobre o movimento de vanguarda surrealista – Benjamin ressalta a importância da imagem, não como algo meramente ilustrativo ou que remeta à perfeição da forma, mas como um “espaço” que permita o sincronismo entre passado e presente, entre pensamento e sensação, algo que o autor traz como possibilidade de libertação:

Assim, o que Benjamin nos indica é a possibilidade de que através das técnicas de formação de imagens – sejam elas possibilitadas pelas técnicas como o cinema, ou pela experiência surrealista na cidade – possamos nos libertar dos condicionamentos físicos e intelectuais que nos limitam a liberdade.

Gagnebin lembra que a interrupção da narrativa oficial questiona a interpretação da história dominante e sua temporalidade “instaura o desejo e a possibilidade de um outro tempo e de um outro lembrar” (GAGNEBIN, 2012, p. 33). Lembra também que nas Teses Benjamin cita o gesto dos revolucionários parisienses em julho de 1830 que atiraram contra os relógios dos monumentos da cidade marcando assim o início de uma outra cronologia e traz o comentário de Michel Löwy (2005, p. 123) que compara esse episódio com a manifestação de indígenas brasileiros que na comemoração dos 500 anos do descobrimento, em 2000, aturaram com seus arcos e flechas no relógio que a TV Globo havia colocado para contar o tempo até a data do aniversário.

A manifestação dos indígenas nos permite aqui lembrar que eles foram desde o início vítimas de um genocídio que marca a história do continente “Esses acontecimentos raramente foram registrados” (AGUIL-

LERA/SANTOS, 2016, p. 10) e permanecem numa espécie de sombra de nossa história. Ainda,

Do ponto de vista do indígena, não houve um fim à colonização em qualquer lugar das Américas. Pós-colonização é um fenômeno europeu – sim, naqueles países que perderam suas colônias devido à luta dos povos nativos dessas colônias. Nas Américas a população indígena continua a ser colonizada pelos descendentes dos europeus que permaneceram com o poder econômico e político. (AGUILLERA/SANTOS: 2016, p.11)

5 Algumas reflexões sobre a história e os monumentos: a quem prestam homenagem?

Num texto intitulado *História da Literatura e ciência literária* (escrito em 1931), Benjamin apresenta sua concepção de história enfatizando, como faria novamente nas Teses sobre o conceito de história, o aspecto linear das histórias das ciências, como se cada uma delas tivesse um desenvolvimento autônomo, contido em si mesma:

O texto trata da história da literatura, mas pode ser aplicado a toda história que pretende se fazer de modo separado da história em geral. Porém essa história em geral é a história feita e contada pelos homens, do modo como a cultura do passado e o próprio passado é apropriado pelo presente, como vimos antes. Para proceder a essa apropriação os “vencedores” usam as imagens do passado a seu favor, e com elas escrevem a história que lhes favorece.

Os monumentos a que nos referimos anteriormente (figuras 2 e 3) foram, como dissemos, erigidos em homenagem aos bandeirantes. Estes

participavam de expedições chamadas Entradas e Bandeiras organizadas para explorar o interior do território da colônia portuguesa no século XVI com o objetivo de encontrar riquezas minerais como ouro, prata e pedras preciosas, além caçar e prender índios para escraviza-los. Tiveram seu início em 1504, logo após o “descobrimento” do continente sul-americano. As *Entradas* declinaram no início do século XVII e surgiram então as primeiras *Bandeiras* que partiram da Vila de São Vicente e da vila de São Paulo. As primeiras bandeiras organizadas nas duas vilas objetivavam a caça e apresamento dos índios para vende-los como escravos aos produtores de açúcar do Nordeste. Procuravam principalmente as missões jesuíticas que concentravam grande número de indígenas em fazendas. O que foi também motivo de conflitos entre jesuítas e bandeirantes. Na década de 1640 os bandeirantes expulsaram os jesuítas e São Paulo. O declínio das Bandeiras veio com a substituição do índio pelo negro africano. Os bandeirantes além disso ultrapassavam a fronteira do tratado de Tordesilhas⁶, que dividia as terras do continente entre Portugal e Espanha (figura 4), o que resultou numa expansão do território do que seria depois o Brasil. As histórias das viagens dos bandeirantes a territórios desconhecidos fizeram nascer narrativas épicas e a estes homens foi concedido o tratamento de heróis, considerados homens corajosos e que forjaram a índole do povo paulista, povo incansável e trabalhador. Carlos Berriel, em entrevista ao

6 O Tratado de Tordesilhas foi firmado em 4 de junho de 1494 entre Portugal e Espanha. Ganhou este nome, pois foi assinado na cidade espanhola de Tordesilhas. Tinha como objetivo resolver os conflitos territoriais relacionados às terras descobertas no final do século XV.

Jornal da Unicamp⁷ afirma que o que “instala os bandeirantes como construtores do Brasil, faz parte de um discurso que preside o ano de 1922”, é uma construção posterior feita pela burguesia paulista produtora de café que objetiva engrandecer a cultura paulista e justificar uma dada ideologia⁸. Assim o povo paulista acaba por ser ver herdeiro desses homens considerados heróis. Porém a história é outra. E porque ela é outra é possível pensar em ações que poderiam questionar aquilo que os monumentos querem nos fazer lembrar, porém para aqueles para quem a história oficial é a única possível, as ações contra esses monumentos são vistas como vandalismo ou mera destruição. Se essas histórias fazem menção a um período da história do Brasil que não é nada grandioso, usá-las para glorificar um passado de expropriação e violência é fazer esquecer as inúmeras mortes e expropriações ocorridas nesse período propugnadas pelos colonizadores e brasileiros desse período.

Na manhã do dia 30/09/2016 os dois monumentos – a estátua do bandeirante Borba Gato e o Monumento às Bandeiras - apareceram pichados (figuras 5 e 6) com tintas rosa, verde e amarela. Nos meios de comunicação a notícia foi dada de maneira breve, e com certo espanto seguida de comentários como “não se sabe o motivo de tal atitude”. E em blogs e páginas da internet atribuiu-se à esquerda ou a vândalos (palavras que para alguns são sinônimos) que desdenham a própria história⁹. As pichações

7 <http://www.geledes.org.br/carlos-berriel-a-origem-da-superioridade-racial-dos-paulistas/#axzz2bHaiTYMT>

8 Cf. a entrevista nota 7.

9 Endereço dos sites citados que apontam os pichadores como vândalos e de esquerda. <http://sensoincomum.org/2016/10/01/pichacao-monumento-bandeiras/>. E aqui um outro site com um artigo que questiona os bandeirantes como heróis mas que também consi-

ocorreram logo após o debate entre candidatos à prefeitura transmitido por uma rede de televisão, no qual foi mencionado o problema da pichação¹⁰. O monumento às bandeiras já havia sido pichado antes, no ano de 2013, quando tramitava no Congresso a proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215, cujo tema era a demarcação das terras indígenas (figura 7).

Muitos dos protestos contra essas pichações e que as consideram vandalismo esquecem que tais monumentos foram erguidos para fazer lembrar apenas um aspecto da história.

Mas podemos dizer, citando Carla Damião:

Pensando no passado colonial de qualquer país, por exemplo, e alguns movimentos artísticos contra a memória do opressivo-colonizador - cuja identidade é exibida em muitos monumentos nacionais como resultado da união das artes e da política -, é possível ver uma ação contrária explícita à beira do furioso vandalismo. Há aqueles que adotam estratégias anti-monumentais que podem contrariar os princípios dos monumentos tradicionais, ou aqueles que interferem com um monumento existente específico e os valores que representa.

Os acontecimentos de 30/09/2016, o de 2013 e o ataque aos relógios em 2000 não são apenas “coincidências”. Deixam claro que o motivo das pichações não é vandalismo ou uma atitude de esquerda inconsequente, mas protestos contrários à história oficial - que reforça a atitude do colonizador utilizando-se assim de imagens que foram incorporadas à paisagem urbana. Imagens que acabam por reforçar a política atual de descaso

dera que a pichação não é a melhor solução: <http://racismoambiental.net.br/2016/10/01/ao-inves-de-pichar-que-tal-remover-as-homenagens-aos-bandeirantes-em-sp-por-leonardo-sakamoto/>.

10 Um dos candidatos era João Dória, que foi eleito e passou a pintar de cinza os grafites dos muros da cidade.

em relação aos interesses dos brasileiros, e em relação à demarcação das terras indígenas – situação associada à atividade das bandeiras no século XVI que entre outras coisas arrancou várias tribos de suas terras - e contra a história e o aspecto predatório dela que esses monumentos representam. Pintar os monumentos foi uma forma de dizer não a isso tudo.

Referência

AGUILLERA, Yanet; SANTOS, Marina da Costa(orgs). *Imagem, Memória, Resistência*, São Paulo: Discurso Editorial, 2016

BENJAMIN, W. *Das Passagen-Werk*, Suhrkamp Verlag:Frankfurt am Main , 1983, Band I

_____. *Passagens*, 1ª ed.,São Paulo: Imprensa Oficial/ Editora UFMG, 2009

_____. *Gesammelte Schriften*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1980. Band I-1 and III-1

_____. *Obras escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1994

GAGNEBIN, Jeanne-Marie, O que é imagem dialética, in FLORES, Maria Bernadete Ramos/ PETERLE, Patrícia, *História e Arte. Imagem e Memória*. Campinas: Mercado das Letras, 2012, pp. 21-34.

YATES, Francis, *A arte da memória*. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/monumentos/>>, Acesso em: 15/11/2018

<<http://www.geledes.org.br/carlos-berriel-a-origem-da-superioridade-racial-dos-paulistas/#axzz2bHaiTYMT>>, Acesso em 15/11/2018

<<http://sensoincomum.org/2016/10/01/pichacao-monumento-bandeiras/>. Acesso em 15/11/2018

<<https://racismoambiental.net.br/2016/10/01/ao-inves-de-pichar-que-tal-remover-as-homenagens-aos-bandeirantes-em-sp-por-leonardo-sakamoto/>> , Acesso em 15/11/2018.

Figuras:

Sônia Campaner Miguel Ferrari

